

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.
GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA
Telefs. 36 69 12 - 32 64 54



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPRENSA DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA		REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS		TARDE	13.OUT.1979
COMÉRCIO DO PORTO			

«Portugal: uma feminista no poder»

• A entrevista de Pintasilgo à revista político-erótica «Interviu»

«Sim, sou feminista». Maria de Lurdes Pintasilgo, Primeiro-Ministro português, disse-o em entrevista concedida a um jornalista de nacionalidade argentina, Jorge Marrone, e publicada numa revista político-erótica, de tendência esquerdista, a «Interviu», que se edita em Barcelona. «Sou feminista porque, sobretudo, pretendo uma igualdade de oportunidades para todos os seres humanos», explicou a Chefe do Governo de Lisboa.

Embora na capital portuguesa se afirme que a versão da entrevista publicada pela revista espanhola não corresponde ao registo sonoro existente, do diálogo de Lurdes Pintasilgo com Jorge Marrone, havido em Lisboa em 6 de Setembro último, existem duas reproduções gravadas; uma, na posse do jornalista argentino que a vendeu à «Interviu»; a outra ficou em S. Bento.

De acordo com o texto vindo a lume nas páginas da publicação de Barcelona, entre fotos de corpos desnudos de lindas mulheres em pose sugestiva e uma entrevista com o «líder» do PC espanhol, Santiago Carrillo, Pintasilgo fala de si mesma: «Vivo com quatro amigas, numa comunidade católica. Isso constitui, para mim, uma experiência muito interessante». Outro pormenor da sua vida privada: «Não, a Primeiro-Ministro não cozinha a comida porque se levanta muito cedo e se deita muito tarde. Excepto aos domingos, porque, pelo menos ao meio-dia, esforço-me por me esquecer de que sou a Chefe do Governo e ponho-me a cozinhar como qualquer mulher doméstica.»

Navegar é preciso

As coisas políticas seriam, inevitavelmente, tema da con-

versação. Pintasilgo — que o jornalista descreve como uma «fervorosa católica e, simultaneamente, uma "pecadora"» (teria cometido o pecado, intolerável para os machistas e para os fascistas de ser independente, de esquerda e Chefe do Governo) — envereda pela análise da situação do país, «um barco que navega em águas tormentosas»:

— Sempre navegámos. Desde o século XIV. Já estamos habituados... Na verdade, não me sobra muito tempo de navegação. Contudo, gostaria de chegar a um porto de liberdade, de independência nacional para os portugueses, de verdadeira independência nacional. No sentido dos portugueses poderem escolher livremente o seu destino, sem estarem submetidos a exigências externas, e poderem ter acesso à forma de vida colectiva que desejamos.

A sua orientação política: «Procuro soluções novas», disse. «Sinto-me impotente face à crise económica», acrescenta. E dá a sua visão da génese dessa crise: «Ela é não só consequência das condições peculiares do desenvolvimento português, e também das posições pouco claras de outros Governos, em particular o que me precedeu. É ainda consequência do contexto internacional, já que, depois da revolução de Abril, muitos países que poderiam ter ajudado Portugal, disseram — vamos esperar que os portugueses tenham a sua estrutura, as suas instituições democráticas... Esperaram assim dois anos, o que foi fatal para a economia do nosso país.»

O capuchinho vermelho

O matutino socialista «Portugal, Hoje», na sua edição de ontem, citava fontes próximas de S.

Interviu

«Quisimos matar a Suárez»
Confesión de un ultra
Salamanca, basurero nuclear

Cirugía plástica
Senos baratos y a medida

HABLA EL QUE
LE PONIA
LOS PECES A FRANCO

Boda sexy en Ibiza
OFICIO DE CURA

CARRILLO:
«No creo en la huelga general»

La San José y el Sacristán, en pleno pecado

PORTUGAL
Una feminista en el poder
Exclusiva con la primer ministro

¡Tiemblan los caciques!
ANDALUCIA SE REBELA

«A entrevista nunca existiu», afirmou ontem um matutino lisboeta de feição socialista. Ainda, a «Interviu», uma revista político-erótica espanhola, publica a foto comprovativa: o jornalista Jorge Marrone com Pintasilgo, face a dois gravadores. A entrevista teve lugar em 6 de Setembro, em S. Bento.

Bento para garantir que a entrevista publicada na «Interviu» é «absolutamente apócrifa», dado que Lurdes Pintasilgo «jamais concedeu qualquer audiência a um jornalista daquela revista, nem isso lhe foi alguma vez solicitado». Apócrifa por certo a entrevista não o será: Jorge Marrone existe, a entrevista foi concedida e há dela duas gravações. É contudo, admissível que o Primeiro-Ministro tenha sido enganada quanto ao destinatário.

Marrone ter-se-ia apresentado como jornalista da revista argentina «Siete Dias». E arrancou a entrevista após a insólita ameaça, enviada por «telex» à

Chefe do Governo português: «Receba-me ou suicido-me». Pintasilgo recebeu-o. Marrone não se suicidou. Publicou em Espanha, provavelmente a bom preço, a «cacha» deste modo obtida. Agradecidamente, descreve a entrevistada em tom caloroso:

«Aguda e reflexiva durante o pingue-pongue das perguntas e respostas, se um tema qualquer lhe produzia uma alegria íntima, demonstrava-o com doce gargalhada, uma constante que começou ao receber-me e terminou ao despedir-se.»

— Pode dizer-se que os ataques dirigidos contra si, vêm dos sectores machistas? — pergunta-



lhe Marrano à despedida. Pintasilgo aperta-lhe a mão com firmeza e responde: — Talvez... talvez...

Que o logro tivesse acontecido é algo que em nada beneficia os serviços de apoio do Gabinete da Primeiro-Ministro, onde trabalham jornalistas portugueses de reconhecido prestígio e competência, como é o caso de Maria Elisa. De resto, Pintasilgo ufana-se dos seus conhecimentos sobre a comunicação social e os seus problemas...

Não é esta, porém, a primeira vez que os «ingénuos» políticos portugueses aparecem como «vítimas» do «lobo mau» da Im-

prensa internacional, numa já fastidiosa repetição da fábula do capuchinho vermelho: primeiro Álvaro Cunhal, «vítima» da astúcia de Oriana Fallaci. Seguiu-se-lhe Mário Soares, imolado na «perfidia» de um jornal francês. Ramalho Eanes tropeçou nas colunas do Washington Post. Coube agora a sorte a Lurdes Pintasilgo. Sempre os políticos portugueses fizeram o papel de ludibriados, sempre as suas declarações saíram deturpadas... Dir-se-á que uma tal ingenuidade que ciclicamente se repete e ciclicamente se reafirma pouco lustra o País que por tais políticos é dirigido.

Nuno Rebocho